

Reflexos

ISSN : 2260-5959

: Université Toulouse - Jean Jaurès

6 | 2023

Varição linguística nos espaços de língua portuguesa e línguas românicas

Predicadores complexos com o verbo suporte *bancar*: uma análise construcional

Complex predicates with the support verb bancar: a constructional analysis
Prédicateurs complexes avec le verbe support bancar : une analyse constructionnelle

Jady Geovana Veroneses Alves

🔗 <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1274>

Jady Geovana Veroneses Alves, « Predicadores complexos com o verbo suporte *bancar*: uma análise construcional », *Reflexos* [], 6 | 2023, 19 avril 2023, 20 avril 2023. URL : <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1274>

CC BY

Predicadores complexos com o verbo suporte *bancar*: uma análise construcional

Complex predicates with the support verb bancar: a constructional analysis
Prédicateurs complexes avec le verbe support bancar : une analyse constructionnelle

Jady Geovana Veroneses Alves

Introdução

Gramática de Construções (GC) e Sociofuncionalismo

As construções com predicadores complexos

A produtividade – frequência *type* e *token*

Padrões licenciados por [bancar x] no português brasileiro

Considerações finais

Introdução

- 1 Nós, seres humanos, estamos em constante busca por construir significados através das palavras e isso porque sentimos a necessidade de nos expressarmos através delas. Nesse sentido, devido a essa dinamicidade na língua e necessidade de ressignificação, os falantes fazem uso de construções linguísticas comumente atribuindo-lhes uma conotação específica. De acordo com Gomes; Kantack (2021), “reconhecemos que as dinâmicas acionadas na língua em uso refletem diretamente no estado atual das estruturas linguísticas (apud BYBEE, 2016), e, por esse motivo, essas atividades reais são o *locus* para a inovação, alternância/variação e mudança linguísticas”. (p. 13)
- 2 A motivação para desenvolver esta pesquisa se deu a partir da comparação de construções com o verbo *bancar* como verbo pleno (predicador simples) e como verbo suporte (predicador complexo) e da percepção de significados diferentes que eles assumem. Como verbo pleno, o sentido é de financiar (*bancar a X => bancar a faculdade*); como verbo suporte, o sentido é de simulação (*bancar o X => bancar o valentão*). Ainda, deparamo-nos com o verbo *bancar* no sen-

tido de sustentar uma ideia ou argumento, como “agora quero ver bancar o que disse”, no entanto, em nossa análise, daremos foco ao sentido de simulação.

- 3 Portanto, nossos objetivos são: (I) identificar a natureza do verbo *bancar* como predicador simples e complexo; (II) verificar se existe uma atitude inter(subjetiva) do falante em padrões construcionais com o verbo *bancar* como verbo suporte; (III) averiguar se há aspectos em comum entre os sintagmas nominais acionados por esse verbo para preencher o slot de X; (IV) observar se o uso de *bancar* como suporte seleciona algum contexto de formalidade específico; e (V) atestar que as construções analisadas são pares de forma-sentido que representam um fenômeno de ressignificação/ampliação de uso na língua.

Gramática de Construções (GC) e Sociofuncionalismo

- 4 Formulada no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções parte principalmente de uma perspectiva sincrônica, entendendo a língua como sendo constituída do pareamento forma-significado, que resulta nas chamadas construções, organizado em redes (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Desse modo, é possível entender o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções.
- 5 Na análise linguística, são considerados tanto aspectos de forma quanto de função. A figura a seguir mostra a proposta de pareamento forma-sentido da Gramática de Construções Radial (GCR) defendida por Croft (2001, p. 18):

Figura 1



Fonte: Croft (2001:18)

- 6 Tal representação feita pelo autor considera o sentido como a função de uma construção, que pode incluir as propriedades semânticas, as propriedades do discurso em que o enunciado é usado e as propriedades da situação pragmática dos interlocutores. Por isso, utilizaremos a Gramática de Construções baseada no uso para analisar ocorrências de construções com predicadores complexos com o verbo *bancar*.
- 7 Cabe ressaltar que a Gramática de Construções partilha de pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional, portanto os dados de análise linguística que estão na estrutura da língua são pensados a partir do uso dos falantes em contextos reais de comunicação, o que significa que a organização gramatical é moldada pelo uso da língua (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010).
- 8 Assim, ao contrário das visões formalistas da linguagem, que veem a língua como objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais, a Gramática de Construções assume uma visão funcionalista ao enxergar a função como elemento essencial à linguagem, compreendendo a língua para além do sistema e buscando entender as finalidades de uso que estão em um universo extralinguístico. Isso porque a gramática pode ser afetada pelo uso

em situações cotidianas de interação comunicativa. Segundo Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003),

O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 70, passando a servir de rótulo para o trabalho de lingüistas como Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística. (p. 22)

- 9 Segundo May (2009) e Görsky e Tavares (2013), desde os anos 80, várias pesquisas têm sido realizadas mostrando a articulação entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano na análise de fenômenos de variação e mudança linguística, resultando no Sociofuncionalismo. Tal vertente oferece ferramentas para a exploração de relações entre formas e funções/significações: multifuncionalidade (uma forma e mais de uma função) e variação (mais de uma forma e uma função).
- 10 Ademais, os autores sociofuncionalistas defendem os pontos de contato basilares entre as duas teorias: prioridade da análise da língua a partir de seus diferentes usos; visão de língua como entidade heterogênea, sujeita a variação e mudança; destaque para a mudança linguística como processo gradual e contínuo; complementariedade entre dados sincrônicos e diacrônicos para maior refinamento dos resultados; crença no princípio do uniformitarismo, em que as mesmas forças linguísticas e sociais atuam no passado e no presente nos processos de variação e mudança; análise de diferentes níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico); relevo para a frequência de ocorrências como índice de difusão sociolinguística e fator funcional fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática; relação íntima entre língua e sociedade; relevância de fatores interacionais na variação e na mudança (cf. GÖRSKY; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015).

As construções com predicadores complexos

- 11 Na perspectiva de pareamento forma-significado (CROFT, 2001), é possível que uma construção apareça em discursos através de construtos com a mesma forma, mas diferindo em termos de significado. Esse é o caso de verbos que assumem um significado quando é predicador simples e outro significado quando é predicador complexo.
- 12 Pode-se dizer que os predicadores complexos envolvem, entre outras possibilidades de verbos gramaticalizados, os verbos suportes (também conhecidos, na literatura, como verbalizadores ou verbos leves, como em Raposo et al (2013).
- 13 Acerca desse tipo de verbo, Machado Vieira (2018, p. 93) aponta que:
 - Verbo suporte é o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não-verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo.
- 14 Borba (2002, p. 7) também utiliza o termo “verbo suporte” e define essa categoria da seguinte forma:
 - Suporte: é o verbo que participa de uma construção complexa como mero suporte de categorias verbais (tempo, modo, número, pessoa) uma vez que o núcleo do predicado está num nome (comumente abstrato): ter medo [= temer]; causar dano [= danificar]; abrir falência [=falir].
- 15 Dessa forma, consideramos que a estrutura de um predicador complexo contém em sua predicação verbal um verbo suporte, que partilha com o elemento não-verbal (sintagma nominal, sintagma adjetival, sintagma preposicional) a requisição ou não de papéis participantes, bem como a atribuição da natureza dos papéis.
- 16 Quando se fala em natureza dos papéis participantes, está em jogo a predicação. Machado Vieira (2018) afirma que a natureza do verbo su-

porte é mais previsível que a do elemento não-verbal. Isso porque há uma relativa repetição na compatibilização de certas formas verbais na formação de predicadores complexos e, por outro, uma grande diversidade na compatibilização de itens não-verbais.

17 Machado Vieira (2014, p. 99-101) aponta que construções com verbo suporte podem licenciar diferentes padrões construcionais de predicadores complexos (microconstruções), como:

(a) padrões construcionais envolvendo verbos que se situam numa categoria fronteira à de verbo predicador (uma espécie de verbo *semi-suporte*), uma vez que, em certa medida, têm aparência gramatical de verbo suporte (pois, operando sobre um elemento não-verbal, conferem-lhe estatuto verbal e com este formam unidades funcionais de predicação verbal com papel similar ao de um verbo pleno), porém não são tão rotineiramente empregados para a formação regular de exemplos de predicadores complexos; até (b) padrões construcionais envolvendo formas verbais produtivas em várias instâncias de uso com tal configuração, tais como são os verbos *fazer*, *dar*, *ter* e *ficar*, entre outros.

(b) padrões construcionais, que são oriundos de um processo regular/sistemático de compatibilização de formas nos slots da construção gramatical de predicação com verbo suporte (como revelam exemplos já expostos, *faz negociação*, *fazer discussão*, *fazer atendimento*) com algum grau de composicionalidade; até (b) padrões construcionais, que, ademais, passaram por um processo de construcionalização lexical (ou lexicalização, assim como abordado por ESTEVES, 2012, e OLIVEIRA, 2013), e, então, são menos ou não composicionais.

(c) pode licenciar padrões construcionais que envolvem a compatibilização de formas verbais e elementos não-verbais um pouco mais especificados que, nem por isso, se envolvem necessariamente num processo de construcionalização lexical, mas ainda advêm, em geral, da construção gramatical de predicação com verbo suporte. Só que, nas instanciações licenciadas por tais padrões, está em jogo uma funcionalidade diferente da de “predicar”: uma marcação de nuance aspectual (pouca ou não duratividade) ou uma marcação de atitude (inter)subjativa frente ao estado de coisas conceptualizado (modalidade). Neste caso, considera- -se, em linhas ge-

rais, que o conceptualizador pode conceber um estado de coisas com objetividade ou (inter)subjetividade: ou se apreendem os estados de coisas como se configuram “na realidade objetiva” ou se apreendem os estados de coisas com base na perspectivação de certos aspectos destes que pode representar apenas a atitude ou a avaliação subjetiva do enunciador ou, ainda, uma atenção ou preocupação deste com outro (o interlocutor, frequentemente).

A produtividade – frequência *type* e *token*

- 18 Na perspectiva construcionista da estabilidade, variação ou mudança linguística, ressaltamos os seguintes fatores: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. O primeiro diz respeito ao escopo construcional (grau de generalidade ou especificidade das propriedades formais e funcionais da construção); o segundo, à vitalidade construcional, ou seja, com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema, e o terceiro faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção.
- 19 Colocamos em evidência o fator da produtividade como um fenômeno gradiente (assim como a esquematicidade), o qual está ligado à questão da frequência, que é um fator altamente considerado desde o funcionalismo clássico (cf. BYBEE, 2010). Isso porque a produtividade fornece à abordagem construcional contribuições dos estudos em gramaticalização e lexicalização. Assim, a frequência tem papel fundamental na rotinização e cristalização de novos usos na língua.
- 20 Traugott e Trousdale (2013, p.17) apontam que a produtividade pertence ao nível dos esquemas e diz respeito a sua extensibilidade. Desse modo, a produtividade de uma construção refere-se ao grau com que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas e ao grau com que tais esquemas são restringidos (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).
- 21 Em se tratando da produtividade nessa abordagem construcionista da gramática, a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) é fundamental. Os *types* são as unidades construcionais mais preenchidas, e os construtos, as

formações são os *tokens*, ou seja, temos a frequência de construção e a frequência de construto, respectivamente. Barbosa (2020, p. 76) sintetiza a questão afirmando o seguinte: “a frequência *type* está associada à produtividade de uma construção, já a frequência *token* está associada ao número absoluto de construtos instanciados por uma construção”.

- 22 De acordo com Oliveira (2013), a partir da análise do modelo proposto por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004):

“A frequência *type* é considerada determinante para a fixação do nível de entrincheiramento das referidas dimensões enquanto esquemas, cabendo ao analista identificar e correlacionar as seis propriedades, de modo que, juntas e articuladas, sejam capazes de descrever a construção”. (p.152)

- 23 Além disso, a autora aponta que a formulação desse modelo é com base no uso; assim, a virtualidade construcional é estabelecida na pesquisa pelos seguintes passos: coleta, descrição e análise de dados empíricos, pois é no momento da interação (que tem forte apoio na cognição e na experiência) que esses dados afetam e são afetados pelos modelos construcionais.

- 24 No próximo capítulo, descrevemos nosso objeto de estudo, os padrões licenciados pela unidade construcional mais esquemática [bancar x], e muitas das questões aqui tratadas serão retomadas na análise dos dados.

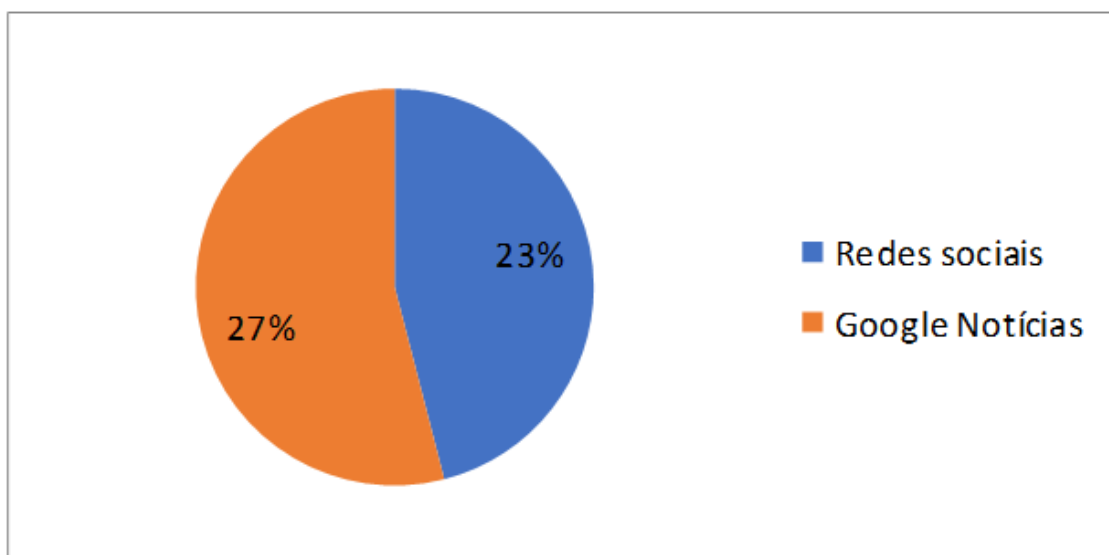
Padrões licenciados por [bancar x] no português brasileiro

- 25 É possível considerar que predicadores complexos com o verbo suporte *bancar* licenciam padrões construcionais que carregam significados específicos. Neste capítulo, veremos a natureza do verbo *bancar* como predicador simples e complexo; a possibilidade de existência de uma atitude inter(subjetiva) do falante em padrões construcionais com o verbo *bancar* como suporte; aspectos semelhantes ou diferentes nos sintagmas nominais acionados por esse verbo; a motivação da seleção desse verbo nas construções e o con-

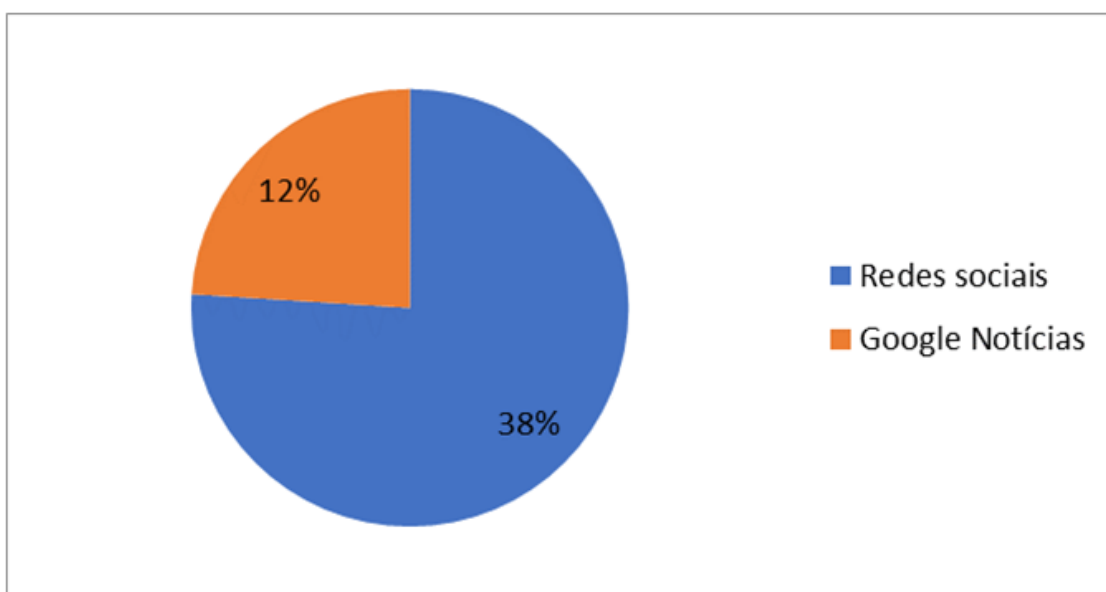
texto de formalidade em que ele costuma estar presente a partir da observação das frequências *type* e *token*.

- 26 Coletamos 100 dados com o verbo *bancar* nas redes sociais (*facebook*, *twitter* e *instagram*) e no Google Notícias. Ao pesquisar nesses meios ocorrências do verbo *bancar*, deparamo-nos com índices de maior ou menor frequência *type* desse verbo como pleno ou suporte. Os resultados (*frequência token*) estão organizados da seguinte maneira:

Frequência *token* das construções [bancar x] com verbo pleno



Frequência *token* das construções [bancar x] com verbo suporte



- 27 Diante de tais resultados, podemos constatar que:
- 28 **1.** O contexto de uso é essencial para a identificação do verbo como pleno ou suporte.

Maravilhoso! Padre viraliza na web após bancar DJ em “rave de missa” ao vivo na Rede Vida; assista e confira os melhores memes

Isabella Manfrenato

12/12/2020 às 14:59

≡ MENU

CartaCapital

ASSINE

Assine *CartaCapital* por **R\$ 9,99** nos dois primeiros meses e informe-se pelo veículo que apoia a reconstrução democrática do nosso país.



Carta

POLÍTICA

OAB acusa Moro de bancar o ‘chefe de quadrilha’ em caso de hackers

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Felipe Santa Cruz, criticou conduta do ministro em investigação de supostos invasores

POR CARTACAPITAL | 26.07.2019 12H13

Figuras 2 e 3

Aleluia, arrepiei! Na noite dessa sexta-feira (11), o canal de televisão Rede Vida promoveu uma live solidária que vem dando o que falar! Tudo isso porque, nos momentos finais da transmissão, um padre, que também é DJ, entrou em cena e colocou os outros colegas sacerdotes pra dançar!

Após ser apresentado, o Padre DJ Zeton deu start na festa com uma música animada, cuja letra é destinada a jovens na luta contra as drogas. *“Essa música é de um amiga paroquiana que ela fez contra o crack, contra a droga. E a gente toca essa música para a juventude sair da droga [...] Vamos dançar?”*, convocou o religioso.

- 29 Nas figuras 2 e 3, não é possível observar apenas lendo as manchetes se se trata de verbo pleno ou de verbo suporte, uma vez que sem o contexto há uma ambiguidade, ou seja, o padre poderia ter bancado financeiramente o DJ como uma atitude de caridade ou poderia ele mesmo comportar-se como DJ (figura 2); em se tratando da figura 3, por envolver questões políticas, poder-se-ia entender que Moro financiou algum chefe de quadrilha ou ele mesmo foi o chefe.
- 30 A ambiguidade é desfeita quando levamos em conta o corpo da notícia e descobrimos que, de fato, o verbo *bancar* comporta-se como verbo suporte, pois pelo contexto ambos os sujeitos indicam assumir outros papéis. No caso do padre, é dito que “... um padre, que também é DJ, entrou em cena e colocou os outros colegas sacerdotes pra dançar”. No caso de Moro, “... o Ministro da Justiça, Sérgio Moro, usa o cargo, aniquila a independência da Polícia Federal e ainda banca o

chefe de quadrilha ao dizer que sabe das conversas de autoridades que não são investigadas”.

- 31 **2.** O verbo suporte *bancar* é de natureza transitiva, com tendência a sujeitos de traços [+ agentivos] e [+ humanos].

Figuras 4 e 5